FINANÇAS VERDES E AS OPORTUNIDADES PARA A BIOENERGIA

LUCIANO RODRIGUES*

As preocupações com o meio ambiente e as mudanças climáticas passaram a permear as discussões sobre políticas públicas ao redor do globo. Esses conceitos estão sendo rapidamente incorporados ao ambiente de negócios das empresas e às exigências dos consumidores. Estima-se que, em 2020, sejam emitidos 18 milhões de créditos de descarbonização (CBios) pelos produtores de bicombustíveis.

NO MUNDO financeiro, essa mudança de rota já começou. Investimentos baseados em critérios de sustentabilidade são uma realidade e devem promover transformações importantes na forma de atuação das organizações. Termos como investimentos socialmente responsáveis, análise ESG (avaliação de aspectos ambientais, sociais e de governança), finanças de baixo carbono, finanças do clima, finanças verdes e investimentos sustentáveis foram integrados ao vocabulário dos profissionais da área.

Apesar do atual cenário econômico, o mercado de capitais voltado para projetos sustentáveis deve apresentar um desempenho relevante nos próximos anos. Dados apurados pela Climate Bonds Initiative (CBI), por exemplo, contabilizam US$ 265,4 bilhões de títulos verdes emitidos em 2019, incluindo certificações próprias ou alinhadas aos critérios da CBI. Informações consolidadas pela Bloomberg, por sua vez, indicam uma movimentação financeira de US$ 1

SHUTTERSTOCK



trilhão em dívida sustentável entre 2010 e 2019, incorporando títulos e empréstimos verdes, debêntures sustentáveis, debêntures sociais e empréstimos e debêntures vinculados à sustentabilidade.

Esse contexto pode trazer oportunidades para a bioenergia e, em especial, o setor sucroenergético brasileiro, que se posiciona como a principal fonte de energia limpa da matriz nacional, sendo responsável por quase 40% de toda a energia renovável ofertada no País em 2019.

Pela natureza do seu sistema produtivo e dos produtos fabricados, a indústria de cana-de-açúcar apresenta um grande potencial no mundo das finanças verdes.

No último ano, o etanol combustível foi responsável por quase 50% da energia consumida pelos veículos leves no Brasil. Além de uma fonte energética com suprimento robusto, esse biocombustível tem o potencial de reduzir em até 90% as emissões de gases do efeito estufa em comparação à gasolina. Os seus efeitos sobre a poluição local nas grandes metrópoles também são significativos e incluem a redução de mortes e internações associadas ao uso de combustíveis fósseis.



A cadeia sucroenergética consolidou-se, também, na produção de bioeletricidade fabricada a partir do bagaço e da palha de cana-de-açúcar. Em 2020, a geração de energia elétrica pelas usinas deve atingir quase 23 mil gigawatts-hora (GWh). Essa oferta é suficiente para atender cerca de 12 milhões de residências e promover a redução de emissão de 7 milhões de toneladas de CO_2 eq.

Nos próximos anos, essa indústria ainda experimentará avanços importantes. Especificamente no segmento agrícola, vale mencionar as fronteiras associadas à digitalização do campo, o surgimento de novas tecnologias de plantio de cana-de-açúcar e a introdução de variedades transgênicas.

A adoção de sistemas para o aproveitamento da palha, a criação de usos alternativos para a vinhaça e a produção de biogás e biometano também devem ser elementos essenciais às usinas que buscam aprimorar seus processos produtivos.

GREEN BONDS

Diante de todo esse potencial, observamos, em 2020, a primeira emissão de título verde por uma empresa produtora de etanol e bioeletricidade. Em linhas gerais, os *green bonds* são títulos de dívida cujos recursos destinam-se a projetos com impacto positivo dos pontos de vista ambiental e social.

Outro elemento de interação entre a cadeia sucroenergética e as finanças verdes remete ao recém-criado mercado de créditos de descarbonização (CBios). O referido título é um instrumento central da Política Nacional de Biocombustíveis (RenovaBio).

Aos produtores que participam do programa, é concedida a oportunidade de emissão do título de descarbonização, que é escriturado por uma instituição financeira e negociado em um mercado organizado. O número de CBios emitidos depende da eficiência energético-ambiental do produtor de biocombustível e representa a emissão evitada de 1 tonelada de CO_2 eq.

Em 2020, cerca de 18 milhões de CBios serão emitidos pelos produtores de biocombustíveis. Parte dessa quantidade será adquirida pelos distribuidores para atendimento das suas metas de descarbonização. Investidores, agentes ou empresas interessados em neutralizar suas emissões também podem comprar os CBios. O mercado destes pode, portanto, criar alternativas diferenciadas de atuação para os agentes que operam no mercado financeiro.

Em síntese, a despeito dos inúmeros desafios regulatórios, operacionais e, até mesmo, conceituais associados ao mercado voltado para projetos sustentáveis, estamos observando transformações importantes nessa área, com mecanismos de indução para investimentos em produtos, tecnologias e infraestrutura redutores de emissões.

Os produtores e as indústrias da cadeia sucroenergética têm a possibilidade de aproveitar as oportunidades trazidas por esse movimento. Tal processo depende de esforços institucionais para a manutenção de um ambiente regulatório adequado, de ações de comunicação a partir de uma linguagem apropriada, de argumentos tecnicamente fundamentados e, especialmente, do consistente trabalho dos produtores para ampliar a eficiência produtiva nas suas diferentes vertentes. ■

* Engenheiro-agrônomo, doutor em Economia, professor de Economia e Métodos Quantitativos na Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Esalq/USP) e especialista em agronegócio e bioenergia